

Prêmio de literatura consagra autor gaúcho

Contos de Amílcar Bettega Barbosa conquistam R\$ 100 mil em noite que também homenageou Erico Verissimo

Fotos de Leonardo Soares/Diário de S. Paulo

Douglas McMillan

SÃO PAULO

O favorito? São todos, menos eu", disse ao GLOBO, sem um pingo de falsa modestia, o escritor Amílcar Bettega Barbosa poucos minutos antes de receber, na segunda-feira, os R\$ 100 mil como vencedor do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, o de mais alto valor em dinheiro do Brasil, pelo seu livro de contos "Os lados do círculo", publicado pela Companhia das Letras. Silviano Santiago — cujo romance "O falso mentiroso" (Rocco) era indicado à boca pequena como favorito — acabou levando o segundo lugar, recebendo R\$ 30 mil, e os contos de "Histórias mirabolantes de amores clandestinos" (Record), de Edgard Telles Ribeiro, o terceiro, de R\$ 20 mil.

SILVIANO SANTIAGO: segundo lugar com romance



TERCEIRO LUGAR: Edgard Telles Ribeiro



AMÍLCAR BETTEGA Barbosa discursa ao receber o prêmio principal da noite pelo livro "Os lados do círculo"

Decisão apenas com os votos do último jurado

A vitória de Barbosa na terceira edição do prêmio parece ter pegado a todos, inclusive o júri, que manteve suas escolhas em segredo, de surpresa. O auditório da Sala São Paulo foi se enchendo de gritos à medida que a contagem de votos dos dez concorrentes (entre eles nomes consagrados como Manoel de Barros e jovens como Rodrigo Lacerda, muitos deles finalistas e vencedores de outros prêmios

literários em 2005) avançava. A decisão veio apenas com os votos do último jurado. Quando o resultado saiu, Barbosa estava perplexo, o queixo caído por alguns segundos. O autor sequer tinha vindo de terno:

— Só de ter sido lembrado já foi fantástico. Já me considerava pago, não precisava de mais nada.

"Os lados do círculo", cujos contos se passam na Porto Alegre natal do autor, que tem

41 anos, começou a ser escrito em 1994 e já estava virtualmente pronto na gaveta de Barbosa há anos. Nenhuma editora se interessou, o que fez o autor abandoná-lo em 1998. A publicação veio apenas ano passado, na esteira do sucesso de crítica de "Deixe o quarto como está", também um volume de contos.

— Foi bom "Os lados do círculo" ter saído só agora. Dei umas mexidas pequenas nele,

adicionei um conto, mas já era praticamente isso que foi publicado — contou Barbosa. — Ofereço o prêmio à minha filha, que nasce daqui a dois meses. Vou pintar um quarto bonito para ela.

Barbosa afirma que prêmios gordos como o da Portugal Telecom são importantes para os escritores, que às vezes passam quatro ou cinco anos debruçados sobre um projeto que não dá qualquer remunera-

ção. Ele mesmo se sustenta na França, onde vive há três anos, lecionando português na Universidade Paris III e fazendo traduções.

— Acho que nenhum escritor no Brasil consegue viver só de literatura. É sempre um trabalho aqui, outro ali. Então prêmios como este talvez sejam o melhor incentivo — disse ele, num discurso semelhante aos feitos por Silviano e Telles Ribeiro. — Não sei o que vou fazer agora,

não sou muito de planejar.

Porém ele contou que conseguiu uma bolsa de criação na França e já está desenvolvendo um outro projeto de contos.

— Mas esses são curtíssimos, estão mais perto de uma experiência poética — explicou ele. — Quer dizer, o projeto é isso agora no começo, né? Eu sou contista por limitação, não por opção. E sou lento. Vou escrevendo por camadas, preenchendo lacunas e tirando coisas, umas 15 versões ou mais até que não consigo mais fazer nada com aquela idéia.

Show de jazz comandado por Luis Fernando Verissimo

A premiação foi marcada por algumas coincidências. A primeira foi o fato de Barbosa ser porto-alegrense como o homenageado da noite, Erico Verissimo, cujo centenário de nascimento está sendo celebrado este ano. Depois de um discurso lembrando o pai, o escritor Luis Fernando Verissimo divertiu os convidados com um show ao lado da banda Jazz 6 e do filho Pedro. A segunda era mais trivial: é a terceira vez que um autor da Companhia das Letras leva o prêmio principal do Prêmio Portugal Telecom, fato que foi comentado por representantes de outras editoras, que evitaram criticar os concorrentes. ■

Douglas McMillan viajou a convite da Portugal Telecom

Uma bailarina solta num mundo em que é protagonista

Biografia de Tatiana Leskova reúne em 407 páginas e em noite de autógrafos a história da dança na cidade

Eduardo Fradkin

Balé clássico e dança contemporânea se cruzaram antecorrendo à noite no lançamento da biografia da bailarina e coreógrafa Tatiana Leskova, na livraria Argumento da Rua Dias Ferreira, no Leblon. O clima foi de confraternização num verdadeiro quem-é-quem do mundo da dança, durante três horas (das 20h às 23h) de autógrafos. A biografada, com seus 82 anos (a uma semana de completar 83), e a jornalista e também bailarina Suzana Braga, autora de "Tatiana Leskova — uma bailarina solta no mundo", deram 140 autógrafos e bateram papo com cada um que se aproximava.

Uma bem-humorada Tatiana recebeu os ex-alunos e ex-professores de seu extinto estúdio de dança em Copacabana, bailarinos e ex-diretores do Teatro Municipal, coreógrafos, atrizes e até os pais de quem não pôde ir, como os de Ana

Botafoogo. Carinhosamente chamada de Dona Tânia, Tatiana mostrou a personalidade forte e a franqueza conhecidas: "Nossa! Quase não o reconheci. Você tinha mais cabelo, não?" e "Você nunca me amou!", em resposta a uma declaração de amor, foram algumas de suas tiradas, sempre acompanhadas de risos (dela e dos interlocutores).

Na fila, nomes do balé clássico e da dança moderna

A influência de Dona Tânia na formação de profissionais de dança no último século podia ser vista pelas celebridades enfileiradas, entre as quais coreógrafos como Márcia Milhazes, Angel Vianna, Renato Vieira, Dalal Achcar, Nelly Laport e Mariza Estrella, as primeiras bailarinas do Municipal Nora Esteves, Áurea Hammerli, Norma Pina e Teresa Augusta, o cenógrafo Fernando Pamplona, a atriz Jacqueline Laurence (que nunca estudou balé, mas é amiga de



Camilla Maia

A ESCRITORA SUZANA BRAGA, a coreógrafa Dalal Achcar, o ex-diretor do Teatro Municipal Fernando Bicudo e a bailarina Tatiana Leskova na noite de autógrafos

Tatiana) e até a "rival" Eugenia Feodorova. Muitas delas figuram nas 407 páginas da biografia. É o caso de Dalal, que se recordou de uma história presente no livro:

— Em 1967, eu a convidei para encenar "Giselle" tendo como solistas Nureyev e Margot Fonteyn. Foi histórico.

Nora Esteves se lembrou de um fato menos glamoroso:

— Quando era sua aluna, eu a venerava, mas ela era muito rígida e por vezes fazia as alunas chorar. Quando brigávamos, eu virava ao contrário os muitos quadros dela que tinha na parede do meu quarto. O cenógrafo Fernando Pam-

plona deu a medida do valor de sua amiga:

— Tatiana profissionalizou a dança no Rio.

Mãe dos cineastas Andrucha Waddington e Tatiana Junod, a psicanalista Irina Popov também foi à noite de autógrafos. Desde que chegou ao Brasil, vinda da Ucrânia em 1949,

Irina conhece a família de Tatiana e sua filha está rodando, em Paris e no Rio, um filme biográfico sobre a bailarina.

Por hora, o livro oferece muitas histórias, devassando uma carreira que começa aos 16 anos no Original Ballet Russe, na França, e passa por 40 intermitentes anos ocupando diferentes postos de destaque no Teatro Municipal do Rio. Pela primeira vez, Tatiana falou sobre seu caso de 40 anos com Luiz Honold Reis, um homem casado e de cuja mulher se tornou amiga, tendo recebido dela parte da herança.

— Suzana me venceu pela insistência. Gravei 15 fitas de depoimentos — diz Tatiana.

A infância marcada pela pobreza foi outra revelação que impressionou a escritora Suzana Braga e que explica um comportamento filantropo.

— Dona Tânia sustentou muito bailarinos, dando-lhes dinheiro para comida e transporte. Sou um deles — afirmou Antônio Gaspar. ■

Uma realidade em verde-e-rosa

Mostra marca a inauguração do Centro Cultural Cartola, na Mangueira

João Pimentel

Criado juridicamente em 2001, o Centro Cultural Cartola, situado a 200 metros da quadra da Estação Primeira de Mangueira, escola à qual o sambista deu cores e ajudou a criar, começa hoje, de forma mais concreta, a ficar pronto como um espaço permanente de visitação. Não que o centro estivesse abandonado — nele já acontecem oficinas de poesia, dança e música para jovens da comunidade — mas porque o prédio de uma antiga fábrica de vidros, depois do

nos que teríamos muito trabalho. Somos poucas pessoas trabalhando por um grande sonho. Fizemos pequenas parcerias com grupos de teatro e dança, estamos desenvolvendo um trabalho de preservação cultural e, a partir de agora, depois de quase dois anos de obras, estamos realizando a parte final da construção deste espaço — conta a neta de Cartola, Nilcemar Nogueira, diretora do Centro e curadora da exposição.

Parcerias viabilizam cursos de teatro e dança

No Centro Cultural Cartola há oficinas de teatro, dança e música.

além do Programa de Inclusão Digital, envolvendo aproximadamente 150 crianças.

— Temos algumas pequenas parcerias de sucesso, como a que fizemos com a professora Marília de Andrade, filha de Oswald de Andrade, professora da Unicamp, que implantou aqui um curso de Dança Criativa. Ela ganhou um espaço para realizar um trabalho social importante, com apoio da universidade, em troca demos nosso rico material humano — diz Nilcemar. — O pessoal do grupo teatral Tudo É Cena ganhou um palco para ensaiar e guardar seus figurinos em troca, além das aulas

Miranda; e peças como o anel e o chapéu-coco responsáveis pelo apelido que o eternizou.

Sambistas mangueirenses cantam em missa afro

A festa começa a partir das 18h com a lavagem da escadaria do CCC pelas baianas do Abarajé. Às 19h, será realizada uma missa afro pelos 25 anos de morte de Cartola, com a participação de Alcione, Beth Carvalho e Emílio Santiago, que vão cantar "Ave Maria no morro". Em seguida tem show dos pequenos violinistas e a assinatura do convênio entre o CCC, IPHAN e Secretaria Especial da Cultura do Brasil.



Leonardo Aversa

A B D E G

parque branco do Ipaol, pas-
sou por quase dois anos de re-
formas estruturais. A inaugu-
ração da exposição "Simple-
mente Cartola" é a principal
atração de uma série de even-
tos que lembram os 25 anos da
morte do sambista Angenor
de Oliveira e abrem definitiva-
mente as portas do CCC.
— Desde o princípio sabía-

ja murgonani, por exemplo, a
Biblioteca Comunitária Dona
Zica; um centro de referência e
pesquisa do Samba; a Orques-
tra de Violinos, com 40 meni-
nos e meninas da comunida-
de, sob a coordenação do
maestro Leonardo Bruno; ofi-
cinas de poesia, coordenadas
por Geraldinho Carneiro; e de
percussão, com Ivo Meireles;

nos, em troca, aqui as aulas,
realizam ensaios abertos an-
tes de cada estréia.
A exposição contará com fo-
tos de Walter Firmo; caricatu-
ras de Cartola, Lamartine Ba-
bo, Pixinguinha e Villa-Lobos
feitas por Lan; gravações origi-
nais dos primeiros sambas de
Cartola, nas vozes de Francis-
co Alves, Mário Reis e Carmen

peçan de romicas de froubi-
ção da Igualdade Racial (SEP-
PIR) para o tombamento do
samba carioca, como Patrimô-
nio Nacional.
A festa termina com show
da Velha Guarda de Vila Isabel,
que recebe convidados como
Paulinho da Viola, Elton Me-
deiros, Hermínio Bello de Car-
valho e Nelson Sargento. ■



NILCEMAR NOGUEIRA e a estátua do avô: orgulho manguense